

EDUCADOR MUSICAL DEFICIENTE VISUAL TOTAL EM UMA ESCOLA ESTADUAL NA ZONA NORTE DE NATAL/RN:

relato de experiência docente

Gessé José de Araújo

Escola Estadual Myriam Coeli
araujogesse@gmail.com

35

RESUMO

O presente trabalho se trata de um relato de experiência docente de um professor de música com deficiência total atuando no Ensino Fundamental e Médio da Escola Estadual Myriam Coeli, na Zona Norte do município de Natal (RN). Objetiva apresentar algumas dificuldades encontradas como no preparo e utilização dos materiais didáticos, a escassez e estado dos recursos didáticos oferecidos pela Escola Estadual Myriam Coeli, relatar sua chegada na escola e reação da equipe de profissionais, e por fim, relatar como foram as dificuldades encontradas em sala de aula pelo educador musical Cego dando aula de música para pessoas ditas normais e como superou a difícil tarefa de dar aula sem enxergar.

Palavras-chave: Ensino de música. Professor deficiente visual total. Relato de experiência.

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo as pessoas com deficiência foram consideradas pela sociedade como pessoas fora da normalidade, ou seja, que fugiam aos padrões de convívio e critérios adotados pela grande maioria da população. Acerca da inclusão, as pessoas com deficiência foram excluídas integralmente do ensino público regular, por achismos que pressupunham que as mesmas não tinham capacidade social para se desenvolverem em condições de igualdade com as pessoas “ditas normais”. Por conta disso, as pessoas com deficiência eram destinadas a instituições especializadas para pessoas com necessidade educacionais especiais, sendo segregadas de acordo com suas deficiências. Nestas instituições as pessoas com deficiência aprendiam a ler, escrever, e tinham aulas de atividade diária, dentre outras.

Assim sendo, os indivíduos com deficiência, eram privados do convívio com outras pessoas. Desse modo, o ensino que acontecia nessas instituições é classificado como educação especial. Diante disso, as pessoas com necessidade específicas eram alfabetizadas e também permaneciam distantes da sociedade. Além disso, esses indivíduos sofriam também com a falta de conhecimento da família que, muitas delas, escondiam essas pessoas, com o intuito de superprotegê-las das “possíveis” frustrações da vida em sociedade.

Segundo o manual de inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, no século XIX tratou-se “de se buscar os direitos sociais com ações estatais que compensassem aquelas desigualdades, municiando os desvalidos com direitos implantados e construídos de forma coletiva, em prol da saúde, da educação, da moradia, do trabalho, do lazer e da cultura para todos.” (BRASIL, 2007 p. 10).

Desde então, as pessoas com deficiência passaram participar das atividades sociais como qualquer outra pessoa. E passaram cada vez mais buscar trilhar seu próprio destino, lutando pelo desenvolvimento das legislações, a favor da inclusão, tanto em relação à educação como também para o mercado de trabalho.

Nesse sentido, podemos perceber que falta muito para que as empresas se adaptem a realidade para essa demanda.

Na conjuntura evolutiva do direito humano, conceberam-se leis para a integração e inclusão para pessoas com deficiência. Desde então, as pessoas com deficiência, passaram a lutar por seus direitos perante a sociedade, como o direito de ir e vir, e o mais importante, participar do meio social de forma integral e ativa. Conforme os documentos internacionais e nacionais, estão amparadas as garantias globais que visam assegurar os direitos a qualquer pessoa com deficiência e/ou necessidades educacionais, de desfrutar das suas liberdades, direitos e deveres perante qualquer meio social, impedindo e se opondo a qualquer tipo de discriminação e preconceito.

A partir da conferência de Salamanca, junto com as Nações Unidas, declarou-se que todos os governos integrantes da convenção, tem o dever de inserir as pessoas com deficiência em um sistema de educação de qualidade e sem discriminação.

Nesse sentido, as pessoas com deficiência passaram ter direitos plenos, assegurados pela convenção, dentre eles: o direito a segurança, saúde, educação básica, emprego e renda, dentre outros.

Atualmente no Brasil está em vigor a lei 13.146/2015 conhecida como o Estatuto da pessoa com Deficiência, que proporciona a igualdade de direitos para todas as pessoas com deficiência a todos os bens e serviços sociais. Em relação à educação, de acordo com o capítulo quarto artigo da lei diz o seguinte:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015 p. 21).

Consequentemente a lei propõe que o indivíduo com deficiência se prepare ao longo de sua vida educacional para o mercado de trabalho, passando por todo processo que uma pessoa deve passar. Assim, o aprimoramento das instituições, devem visar a capacitação dos profissionais para atender as pessoas com deficiências, abrindo oportunidade de cursos em todas as áreas profissionais, ampliando desta maneira, a quantidade de profissionais com deficiência no mercado de trabalho.

2 PROFESSOR DE MÚSICA COM DEFICIÊNCIA VISUAL TOTAL NA ESCOLA

Ser professor de uma escola era para mim algo inimaginável, ou seja, que algum dia isso pudesse acontecer. Apesar de ter sido aprovado em concurso público, não presumia que seria chamado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte (RN). Como encontrava-me ainda no final do curso de licenciatura em Música, fiquei bastante surpreso e, ao mesmo tempo, inseguro para assumir uma sala de aula naquele momento. Tive vontade de não comparecer ao chamado para assinar o contrato, porém encontrei muitas pessoas pelo caminho que me motivaram a superar minhas inquietações e a seguir em frente.

Então, depois de superadas as inquietações, passei por todo processo para adiantar as disciplinas e também pedir a prorrogação na Secretaria de Educação para conseguir tempo hábil de concluir e defender o trabalho de conclusão de curso (monografia), para colar grau em antecipado e assumir a função de professor de música do Estado do (RN).

Após concluir a Monografia e as disciplinas remanescentes, levei todos os documentos para a secretaria de educação. Chegando lá depois de levar toda a documentação exigida, fui conhecer a instituição de ensino no qual ia trabalhar. Pensei que eles iriam me colocar em uma escola próxima da minha casa, entretanto me encaminharam para um estabelecimento de ensino na Zona Oeste da Cidade do Natal. Como eu morava na Zona Norte, ficou inviável para o deslocamento da minha casa para a escola, principalmente por ser no período noturno, e em regiões distintas onde teria que me locomover pegando mais de um transporte. Então, pedi encarecidamente que tentassem me encaminhar para uma instituição de ensino nas proximidades da minha casa.

Só depois de uma semana a Secretaria de Educação me direcionou para uma escola próxima da minha residência. Chegando lá no estabelecimento de ensino, a escola estava oferecendo só sete horas de aula. Nesse caso, tive que voltar para a Secretaria para encontrar outra escola a fim de completar o restante da carga horária. Para sorte minha, um funcionário da secretaria ligou para uma escola bem próxima da minha casa perguntando se existia vaga e, como responderam que sim,

acabei completando nessa escola minha carga horaria no turno matutino, horário este que era mais viável para o deslocamento trabalho residência.

2.1 O processo de inserção e adaptação no ambiente de trabalho

39

Meu primeiro comparecimento como professor de educação musical na escola Myriam Coeli, foi em meados de 2017. Logo que cheguei no meu primeiro dia de trabalho, fui acolhido por uma professora da área de educação especial, professora Helda, da sala multifuncional da escola.

Nesse dia, ela me apresentou todo o espaço físico da escola, desde a sala de aula até a cozinha. Enquanto a professora Helda me mostrava o ambiente, eu percebi que ainda faltava acessibilidade física. Depois de apresentado todo o recinto fui conduzido para a sala dos professores, onde tive a oportunidade de conhecer uma parte do corpo docente da escola. Logo depois fui apresentado a outros profissionais da escola: equipe da secretaria, da cozinha e vigias.

Conforme foi colocado anteriormente, historicamente, as pessoas com deficiência foram bastante estigmatizadas por muito tempo pela sociedade, sendo julgadas como incapazes e muitas vezes causando pena nas pessoas próximas e familiares. Assim, um dos primeiros desafios que enfrentei foi uma espécie de sabatina que passei junto aos docentes da escola Myriam Coeli. Cada um dos professores da escola teve oportunidade de fazer perguntas das mais variadas, entretanto as questões eram em grande parte acerca da minha deficiência, as dúvidas mais frequentes eram: sobre como eu ia ter autoridade e o domínio em sala de modo que não tinha como observar (ver) os alunos? Como eu ia resolver a situação daqueles alunos que gostam de sempre sair de sala de aula? E os que ficam caminhando de um lado para outro? Realmente eu não sabia como responder a tantas perguntas que foram feitas na época, pois até aquele momento nunca tinha tido contato profissional e sozinho com o público vidente em sala de aula como meus alunos.

A minha vivencia como docente tinha sido com indivíduos com deficiência visual e pessoas com autismo, em um projeto de extensão universitária, o Esperança Viva da escola de música da Universidade Federal do Rio Grande do

Norte (EMUFRN). Apesar de dar aula de flauta para esses alunos, eu sempre estava com colegas na sala. Esse projeto foi para mim mais do que somente o lugar onde a preendi tocar flauta doce e alguns instrumentos musicais, mas um espaço em que tive a oportunidade de contribuir para aprendizagem musical de pessoas com deficiência, como monitor por muito tempo enquanto estive no curso de licenciatura em música.

40

Com relação à equipe da escola que iria trabalhar, percebi que os docentes estavam preocupados com a minha postura em sala de aula, pois seriam em turmas de Ensino Fundamental II e de Ensino Médio. Estavam preocupados que os alunos não correspondessem as atividades que seriam propostas por mim. Passar por essa “sabatina” por parte dos professores não foi para mim considerado como algo estranho. Entendo o lado deles, pois era a primeira vez que estavam lidando com essa situação de convívio com uma pessoa com deficiência no ambiente de trabalho. Também muito se fala na inclusão onde é o aluno e não o professor que tem um tipo de deficiência. Há uma lacuna muito grande nas pesquisas que tratem do profissional com deficiência. E em se tratando da docência, subentende-se que todo educador deve

[...] estar preparado para planejar e conduzir atividades de ensino que atendam as especificidades educacionais dos alunos com e sem deficiência, o que implica dizer que sua prática deve dar conta de atender as múltiplas formas de interação entre os participantes das atividades e fenômenos estudados. (CAMARGO, 2012, p. 15).

O mais difícil para mim foi ouvir de pessoas da própria família os questionamentos de como eu ia fazer para dar aula, já que não eu não enxergava. É muito difícil superar essa falta de informação por parte das pessoas, mas felizmente não fui impedido de assumir o cargo, a exemplo do que aconteceu com uma pedagoga de Campo Grande (Mato Grosso do Sul) que, apesar de ter sido aprovada em concurso público, foi recusada como pedagoga. (ANDRADE, 2010).

Mesmo com as dúvidas apresentadas pelas pessoas com relação à minha capacidade, ou dúvidas se realmente os indivíduos com deficiência são capazes de chegar a tal feito. Prossegui para provar que ter uma deficiência não é sinônimo de incapacidade, muito embora seja desanimador ainda encontrar pessoas que não

percebem que os indivíduos com deficiência são capazes de realizar das mais variadas atividades no dia a dia.

Então, a minha principal resposta a todos aqueles tinham dúvidas das minhas reais capacidades foi em forma de trabalho duro. É claro que errei e vou errar bastante enquanto estiver à frente de uma sala de aula. Mas, tudo isso serve como um leque de possibilidades e caminhos que vão me direcionar para construção de metodologias que me auxiliem a não cometer os mesmos erros, em sala de aula.

2.1.1 Materiais didáticos

Eu sabia que os recursos e tecnologia que são desenvolvidos para pessoas com deficiência, visando prestar assistência tanto para os estudos como para o trabalho, era um importante caminho para trabalhar em sala de aula.

No entanto, quando se trata de escola Pública percebe-se um ambiente precário para o trabalho: falta de tinta para colocar no lápis para quadro branco, data show com mau uso, muitas vezes encontra-se cadeiras quebradas, bem como podendo encontrar livros em quantidade insuficiente para atender às demandas da escola. E quando o docente é uma pessoa com deficiência, a escassez de materiais didáticos que deem suporte ao educador musical, é bastante escasso, pra não dizer nulo. Na biblioteca da escola em que trabalho, contém apenas quatro livros sobre músicas folclóricas e em tinta, quantidade de livros insuficiente para todos os alunos.

Com relação aos instrumentos musicais, a escola possui: seis violões (apenas dois deles estão com encordoamento); um contrabaixo elétrico, dois teclados (sem fontes de alimentação que permita liga-los). Sobre os equipamentos de som (cabos de microfones, pedestais, mesa de som, dentre outros), todos apresentam problemas por falta de conservação. Salvo, uma caixa de som, que é usada nos eventos da escola. Para os alunos conseguirem preparar um ensaio ou alguma apresentação, eles têm que levar os seus próprios instrumentos para a escola. Só assim eles conseguem mostrar as suas performances nas exposições dos trabalhos bem como na mostra cultural da escola, que ocorre a uma vez por ano.

Como eu não consegui visualizar quase nenhum material musical para usar em sala de aula, eu tive por muitas vezes que levar os meus para a escola. levei

alguns instrumentos de percussão para usar em sala de aula tendo em vista que a escola não oferece equipamento necessário para aula de música. Também, muitas vezes, precisei levar também um equipamento de som para usar em minhas aulas. Para que eu tivesse algum recurso de áudio ilustrativo para disciplina de educação musical.

Outro recurso didático usado nas minhas aulas foi um equipamento que está sendo desenvolvido por Júlio César, aluno do curso de licenciatura em música da UFRN. Na realidade, é um protótipo de software que ele chamou de “Professor Piano”, que é um disparador de sons predefinidos em seu banco de dados. Esse projeto está sendo desenvolvido desde 2015 e consta de programação de algoritmos e gravações de sons os quais o professor acessa com a combinações de teclas. Nos bancos de dados tem comandos de perguntas e respostas sobre conteúdos diversos de música, sons de instrumentos, timbres variados, histórias da narradas, automações, solfejos etc. Para disparar os sons é necessário um teclado e também um computador ou notebook. O professor piano propicia acesso fácil através do Windows, porém, depois de aberto, o professor piano disponibiliza dezenas de sons para que o professor ou estudante dispare ao seu próprio gosto ou interesse e na ordem que escolher. Daí as possibilidades são infinitas e ficam critério do indivíduo que estiver manuseando.

A proposta do professor piano como recurso tecnológico em sala de aula contribuiu na minha performance educacional e no aprendizado dos meus alunos. A ideia é que essas aulas sejam mais lúdicas e interativas, que os alunos possam ouvir áudios reproduzidos pelo equipamento e conhecer um pouco mais a música também explorando o equipamento. Diante dessa tecnologia, poderei apresentar conteúdos com qualidade com nova forma de ensino. No quesito material, ele é bastante interessante para o educador, pois pode-se usá-lo como uma ferramenta didática. Como professor, com deficiência visual, o equipamento é bastante útil em sala de aula, e talvez o único que me foi viável, proporcionando maior aprendizado por parte dos alunos.

Um dos problemas que tenho nas aulas, é para acessa e tocar músicas no computador, porque devido ao barulho que tem na sala e fora dela, muitas vezes o som do notebook é coberto por esses ruídos. Dois recursos que uso em sala e que

me são muito úteis: Professor Piano e o projetor multimídia na apresentação de sons que eu apresento em sala de aula. Esse equipamento tem sido de grande ajuda durante as aulas. Quando os alunos, estão indispostos para manipular o data show ou não estão a fim de escrever no quadro, logo recorro ao professor piano.

3 PRIMEIRAS ATIVIDADES E EXPERIÊNCIA DOCENTE

No primeiro momento em que me apresentei às turmas do fundamental falei da minha trajetória de vida, de como consegui chegar a uma formação profissional. Falei acerca da minha perda visual e como foi o processo de superar os obstáculos da vida sem perceber o que estava ao redor pelo sentido da visão. Logo depois, desenvolvi uma atividade de integração com o objetivo de conhecer a turma bem como provocar um momento de descontração entre todos os presentes. Então, pedi para que todos ficassem em semicírculo a fim que todos pudessem se ver. Pedi a cada um dos alunos que formassem um gesto com a mão ou usando qualquer parte do corpo, combinando com o seu nome. Todos tinham que repetir o que o colega tinha feito.

Outra prática feita com os alunos foi de percussão corporal com uma parlenda: o “Marcos no Calçadão”. Essa atividade os alunos tinham que repetir uma parlenda e o ritmo era executado através de palmas, mãos nas coxas e batidas de pés no chão. Pedi que todos ficassem em pé para fazer a atividade. Percebi que, com algumas turmas, a atividade desenvolvida não atraiu alguns alunos. Ainda assim, coloquei a letra da parlenda no Datashow, a fim que todos acompanhassem ao mesmo tempo. A parlenda foi dividida e ensinada em pequenas partes para facilitar a memorização da letra juntamente com o ritmo corporal proposto. Ainda assim um grupo de alunos permaneceu sem dar crédito à atividade proposta. Fiquei apreensivo pelo comportamento apresentado entre os alunos durante a aula da educação musical.

Diante disso, reflexões surgiram sobre a minha atuação em sala e sobre os alunos, minhas impressões e interpretações do ocorrido, me fez passar por momentos angustiantes e de buscar entender as posturas dos alunos em relação às atividades de música. Grande parte dos alunos apresentaram dificuldades de

participar das execuções das atividades musicais propostas, alguns nunca tiveram aula de música. Só depois de muito tempo eu comecei a compreender tal conduta. Muitos deles vão para escola com fome, vem de muito longe, outros apresentam problemas familiares e etc. Dando sequência, acerca das outras situações da sala de aula com os alunos, tive de desenvolver estratégias para que eu não perdesse os alunos por evasão pela falta de interesse da aula de música. Uma das estratégias foi sugerir que eles próprios fizessem a chamada. Por muito tempo a chamada era feita por uma lista feita por um dos alunos. Logo depois, a frequência passou a ser por um aplicativo instalado em um celular, alternando-se consecutivamente. Outro ponto foi para que algum aluno, escrevesse o conteúdo no quadro a fim de envolver o alunado na participar das aulas como meu monitor. Essa estratégia deu certo por pouco tempo. Como aquele aluno, que tinha interesse de escrever no quadro, mas tinha problema na escrita e os colegas não compreendiam. Os alunos, reclamavam que não entendiam o que estava escrito no quadro. Então tive que recorrer para o Datashow novamente, os alunos me ajudavam muito nesse aspecto. Tive algumas dificuldades para que os alunos aprendessem a utilizar o equipamento. Quando o aluno que sabia mexer no aparelho faltava a aula, ficava bastante complexo para conduzir da aula. Muitas vezes eu perdia a metade da aula tentando achar uma pessoa que soubesse operar o equipamento.

A respeito do professor piano, como um dos meus recursos didáticos utilizado em sala foi bastante proveitoso, pois me ajudou bastante no ensino de alguns conteúdos musicais. Também, as aulas passaram ser mais atrativas para os alunos. Foi uma ferramenta bem recebida pelos alunos.

Por fim, outro desafio enfrentado foi acerca das maneiras como iriam ser as avaliações bimestrais. A escola tem um sistema de avaliação que é a semana de provas, que devem ser escritas. Onde a coordenação escolhe o dia da aplicação da prova e os conteúdos e todas as turmas fazem a prova no dia escolhido. No entanto, o professor que não dispõe do recurso da visão não tem como aplicar a avaliação com as suas turmas tendo em vista que as mesmas têm que ser individuais e, portanto, era preciso encontrar uma maneira para aplicar as provas sem que os alunos não “colassem” as respostas uns dos outros. Então, tive ajuda de alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Ministério da

Educação. Projeto desenvolvido para docente em cursos presenciais desenvolvido na escola de música da (EMUFRN). Como fui aluno do coordenador do PIBID na época, e conhecia alguns alunos que estava fazendo trabalho como bolsistas, liguei para o professor da escola de música e coordenador do PIBID Música, o professor Danilo Guanais. Perguntei se poderia me ajudar com a situação que estava passando. Então, ele enviou quatro bolsistas para me ajudar durante as provas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas com deficiência por muito tempo brigaram por seu espaço na sociedade. A partir dos movimentos em prol da inclusão social dessas pessoas ao longo dos anos é que tem acontecido mais oportunidades de acesso aos bens e serviços sociais. Mesmo ciente de que ainda está abaixo do ideal, já é possível vislumbrarmos novas possibilidades de atuação das pessoas com deficiência nos mais diversos âmbitos (educacional, profissional). Consequentemente, encontramos pessoas com deficiência cada vez mais participativos na sociedade.

Como foi possível perceber no relato da experiência de docência, há ainda algumas lacunas formativas que será necessário preencher: domínio de recursos didáticos, metodológicos e de tecnologia. A consciência dessa necessidade tem me incentivado a continuar meus estudos musicais através do ingresso no Curso Técnico de violão e também em atividades de capacitação e de formação continuada promovidos por eventos diversos e outras ações de extensão. Também já sinto a necessidade de investir em um curso de pós-graduação para melhorar meu fazer pedagógico e científico.

É preciso buscar mais caminhos para oportunizar às pessoas com deficiência para exercer diversas atividades a partir de suas reais capacidades e habilidades, seja no âmbito educacional ou profissional. Que elas possam ser mais participativas na sociedade. É preciso acreditar nelas. Não por força de lei, mas sim, porque são iguais em direitos e deveres. O foco deve estar na força, na capacidade para além da deficiência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Jorge M. P. de. (12 de fevereiro de 2010). **A música que educa não depende só dos olhos**. Disponível em: <<https://infoativodefnet.blogspot.com/2010/02/musica-que-educa-nao-depender-sodos.html>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

BRASIL. **A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho**. Brasília: MTE, SIT, DEFIT, 2007.

_____. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília (DF): jul. 2015.

CAMARGO, Eder Pires de. **Saberes docentes para a inclusão do aluno com deficiência visual em aulas de física**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

MORENO, Ana Carolina. (03 de setembro de 2013). **Professor cego mostra em livro como ensinar física para quem não enxerga**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/09/professor-cego-mostra-em-livro-como-ensinar-fisica-para-quem-nao-enxerga.html>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

RODRIGUES, Fabio. (15 de outubro de 2017). **Professor cego e cadeirante inspira alunos: ‘A superação está dentro de cada um’, diz**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/professor-cego-e-cadeirante-inspira-alunos-a-superacao-esta-dentro-de-cada-um.ghtml>>. Acesso em: 24 nov. 2018.